

# Sinais de cena 19

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Junho de 2013



# Sinais de cena 19

Junho de 2013



Centro de Estudos de Teatro



# Sinais de cena

N.º 19, Junho de 2013

<b>Propriedade</b>	APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)
<b>Membros co-fundadores da revista</b>	Carlos Porto, Paulo Eduardo Carvalho, Luiz Francisco Rebello
<b>Direcção</b>	Maria Helena Seródio
<b>Conselho redactorial</b>	Emília Costa, Fernando Matos Oliveira, João Carneiro, Miguel Falcão, Rita Martins, Rui Pina Coelho e Sebastiana Fadda
<b>Conselho consultivo</b>	Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Maria João Brilhante, Michel Vaïs, Nikolai Pesoschinsky
<b>Colaboraram neste número</b>	Ana Campos, Ana Pais, Arthur E.A. Belloni, Christine Zurbach, Constança Carvalho Homem, Emília Costa, Eunice Tudela de Azevedo, Filipe Figueiredo, Glória Bastos, João Carneiro, Jorge Loureiro Figueira, Jorge Palinhos, Luís Gameiro, Maria Helena Seródio, Ricardo Fonseca, Rui Monteiro, Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda, Sergio Lo Gatto, Sílvia Laureano Costa
	Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores, assim como a opção de seguir o Acordo Ortográfico ou a antiga grafia.
<b>Concepção gráfica</b>	Fuselog - Gabinete de Design, Lda.   <a href="mailto:fuselog@fuselog.com">fuselog@fuselog.com</a>
<b>Direcção, Redacção e Assinaturas</b>	APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Av. Duque de Loulé, 31   1069 - 153 Lisboa <a href="http://www.apcteatro.org">www.apcteatro.org</a> CET - Centro de Estudos de Teatro Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67 Alameda da Universidade   1600 - 214 Lisboa Tel.   Fax: [351] 21 792 00 86 <a href="mailto:estudos.teatro@fl.ul.pt">estudos.teatro@fl.ul.pt</a>   <a href="http://www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm">www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm</a>
<b>Edição</b>	Edições Húmus
<b>Impressão</b>	Papelmunde, SMG, Lda.
<b>Periodicidade</b>	Semestral
<b>Preço</b>	12,00 €
<b>Depósito Legal</b>	216923/04
<b>Tiragem</b>	400 exemplares
<b>ISSN</b>	1646-0715
<b>Apoios</b>	<b>FCT</b> Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR



INSTITUTO CAMÕES PORTUGAL

# Índice

## Editorial

sete | *Sem tecto entre ruínas...* | Maria Helena Seródio

## Dossiê temático

onze | Rogério de Carvalho: Invulgar excelência e rigor | Maria Helena Seródio

catorze | João Tuna e a fotografia de cena como obra de arte | Jorge Louraço Figueira

dezassexis | Trazer Marivaux até nós: *Os juramentos indiscretos*, pelo Teatro dos Aloés | João Carneiro

dezanove | *A Salomé*, de Bruno Bravo: Um espectáculo de poesia | Rui Monteiro

## Portefólio

vinte e um | Patrícia Portela: O portefólio impossível | Ana Pais

## Na primeira pessoa

vinte e nove | Joana Craveiro: Vestindo novas linguagens em cena | Eunice Tudela de Azevedo

## Em rede

quarenta e nove | A intrusão do real no teatro dos Rimini Protokoll | Ana Campos

## Estudos aplicados

cinquenta e três | O teatro para crianças: Perspectivas actuais | Glória Bastos

sessenta e um | *O Escadote* e a experiência do olhar:  
Breve ensaio sobre a condição da fotografia de teatro | Filipe Figueiredo

sessenta e quatro | A tradução de teatro segundo Luiz Francisco Rebello | Christine Zurbach

sessenta e nove | Quimera metálica: Vida e artifício na cena contemporânea | Arthur E. A. Belloni

setenta e três | *Deseja-se mulher*: Do texto ao palco | Sílvia Laureano Costa

### Notícias de fora

setenta e nove	Informações, imagens e olhares críticos do mundo do teatro: O sítio <a href="http://www.teatroecritica.net">www.teatroecritica.net</a>	Sergio Lo Gatto
oitenta e três	Festival com vista para as fronteiras	Jorge Loureiro Figueira

### Passos em volta

oitenta e nove	A luva virada do avesso	Emília Costa
noventa e dois	Quem tem medo do 'Big Brother'?	Ricardo Fonseca
noventa e cinco	<i>Niúbio</i> : O teatro da comunidade imaginária	Jorge Palinhos
noventa e sete	A não pouca ambição	Constança Carvalho Homem
noventa e nove	Mirandolina: <i>La leggiadra emancipata... ma non troppo</i>	Sebastiana Fadda

### Leituras

cento e cinco	Quatro olhares sobre a dramaturgia	Ana Campos
cento e oito	O fio de Ariadne que nos desvenda o teatro de Alves Redol	Maria Helena Seródio
cento e quinze	Do precipício tempestuoso do teatro mestriano	Rui Pina Coelho
cento e dezoito	Publicações de teatro em 2012	Sebastiana Fadda

### Arquivo solto

cento e vinte e um	A pedagogia de António Pinheiro	Luís Gameiro
--------------------	---------------------------------	--------------

# Do precipício tempestuoso do teatro mestriano

Rui Pina Coelho



**Luís Mestre, *Do precipício tempestuoso de Ricardo III*, prefácio de António Durães, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2013, 119 pp.**

Luís Mestre, actor, professor de teatro, director artístico e fundador da companhia Teatro Nova Europa, encenador e dramaturgo, tem vindo a dotar a sua voz dramática de uma invulgar sobriedade e assumindo-se como uma das mais interessantes presenças da nova dramaturgia portuguesa.

Antes de *Numa certa noite* ter sido distinguida no concurso "Isto não é um concurso", uma iniciativa dos Artistas Unidos e apresentada em co-produção com o Festival de Almada, em 2008 – momento da sua estreia como dramaturgo –, Mestre traduzira já Edward Bond – *Coros para depois dos assassinatos*, para uma encenação de Paulo Castro (Teatro Art'imagem, 2002) –, David Mamet – *American Buffalo* e *O bosque*, com encenações suas, para o Teatro Art'imagem, em 2003 e 2004, respectivamente – e Eric Bogosian – *Wake up and smell the coffee*, também

com encenação sua (Teatro Nova Europa, 2006). Como encenador, para além de Mamet e Bogosian, tem trabalhado textos de autores como Rainer Werner Fassbinder, Lars Nören, Enda Walsh, Mickael de Oliveira, Jacinto Lucas Pires, Ana Mendes ou Sarah Kane, entre outros.

Assim, autor habituado à dramaturgia contemporânea e de convívio fácil com os modos de composição dramática da contemporaneidade, Mestre foi maturando a sua escrita partindo de uma posição interina à criação teatral, absolutamente imerso nas circunstâncias de palco, o que faz dele um autor verdadeiramente consciente da especificidade genológica do texto dramático e hábil na relação entre a palavra escrita e a sua configuração cénica.

Como dramaturgo assinou já vários títulos que o vão confirmando como uma voz incontornável no que diz respeito à literatura dramática portuguesa deste início de século: *Os que sucedem* (2009); *Num dia qualquer* (2009); *Agora sou Medeia* (2010); *A manhã, a tarde e a noite* (2010, texto vencedor do Concurso INATEL / Teatro Novos Textos, seleccionada pelo ETC – European Theatre Convention / Europe Theatre Today 2012); *Scherzo para o Sr. Ministro da Cultura ou uma conferência de imprensa* (2010); *À procura de Ricardo III* (2011); *Quando a noite cai* (2011, menção honrosa do Concurso INATEL / Teatro Novos Textos 2012); e *À meia noite estarei perdida para o mundo* (2012). Sobre o conjunto da sua obra – publicada sob o título *Teatro* (Húmus, 2012) – escreveu Alexandra Moreira da Silva:

[N]ão estamos na presença de uma dramaturgia intimista, solipsista e muito menos autofágica, mas muito mais de um "drama íntimo" que cruza realismo e onirismo, diálogo e solilóquio íntimo, intersubjectividade e intrasubjectividade, situando o trágico no quotidiano. (...) No diálogo com os clássicos ou no diálogo com a realidade, Luís Mestre é certamente um desses sonâmbulos que velam sobre o mundo real a que Jean-Pierre Sarrazac chama "autores de teatro do início do século XXI", consciente da exacta responsabilidade de escrever teatro (Silva 2012: 8, 12).

A peça *Do precipício tempestuoso de Ricardo III* parte de um elaborado diálogo intertextual com *Richard III*, de William Shakespeare, e, em particular, com a terceira cena do Acto V, em que este herói-vilão é visitado pelos fantasmas daqueles que assassinou. Esta cena sùmula em que Shakespeare faz desfilar as vítimas de *Ricardo III* pela ordem por que foram mortas, é apropriada pela mão de Mestre e transformada numa fina paródia do seu

material de origem. Isto não significa que o texto resvale para a pulverização do seu referente – pelo contrário: a peça de Mestre conserva a pulsão fantasmática da cena de Shakespeare e o diálogo que com ela estabelece é muito próximo, mantendo contextos e nomes de personagens –, mas atira-a para um território que lhe é estranho. Assim, onde em Shakespeare está um Richard III num acampamento de batalha, no último descanso antes de ir defrontar Richmond, aquele que lhe reclama a coroa, temos agora um Ricardo que surge num ambiente, no mínimo, inesperado:

Uma sala. Um homem, nos seus cinquenta, sentado numa cadeira de rodas. Veste um fato de corte fino. Tem parte de um taco de bilhar a fazer de tala numa das pernas. Atrás de si, um suporte vazio para soro, um candeeiro de pé clássico e belo e a caixa do taco de bilhar. A seu lado, uma poltrona com uma pasta de anotações médicas. Escuro. (p. 85)

Temos então um monólogo ruminante, escrito num verso livre, prosaico, que vai convocando a narrativa ricardiana e que a dissemina por um imaginário de quotidiano contemporâneo. Ricardo surge, assim, numa sala de hospital, ansiando por um copo de whisky, bebida que vai insistentemente pedindo e que se torna no disfórico refrão do texto – “tragam-me um whisky”, “alguém me pode trazer um whisky?”, “um whisky”, “tens alguma coisa que se beba?”, “Um whisky/ ah/ traz-me um whisky”, “whisky!”, “Preciso de um livro de orações. E um whisky. Puro”, – até se transformar no paródico: “Um whisky. O meu reino por um whisky”.

Dividido em quatro cenas, ao longo delas desfilam – mas apenas na mente da personagem principal – várias personagens oriundas da peça de Shakespeare (ou, se quisermos, da história de Inglaterra): Clarence, Ana, Henrique e Buckingham, que vão servindo de estímulo às reminiscências de Ricardo. A pontuar toda a peça,

existe a figura de um enfermeiro – que surge pela primeira vez descrito como um “espectro” – e que vai sendo confundido com os interlocutores ausentes de Ricardo, e ocupando-se das pequenas tarefas hospitalares. *Do precipício tempestuoso de Ricardo III* é, pois, um inteligente exercício de pastiche e deformação de um texto que, curiosamente, tem na deformação (física e moral) um dos seus temas centrais.

Mas o dado mais curioso da publicação deste texto é o facto de serem apresentadas, em sequência, três versões do mesmo texto. Assim, depois do breve prefácio de António Durães, actor que interpretou a peça e acompanhou as diferentes fases de desenvolvimento do projecto (“Uma ideia para um trono”), publica-se uma primeira versão intitulada “À procura de Ricardo III” (pp. 13-50). Trata-se, por assim dizer, da versão “literária” da peça, escrita a montante do espectáculo. A segunda versão (pp. 51-82) é a utilizada para as apresentações no Grande Auditório da Casa das Artes de Famalicão, a 4 e 5 de Novembro de 2011 e no Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra), a 9 de Novembro de 2011. Estas duas versões têm porções em negrito que “são de uma segunda voz, que poderá estar em *off*”. Mas não há diferenças radicais. A segunda versão é, em rigor, uma versão dramatúrgica. Há, porém, mudanças subtis: alteração de frases, supressão de passagens, reescrita de excertos. Ou seja, os processos habituais que ocorrem na quase esmagadora maioria das montagens de textos originais. O que é curioso é que o autor decidiu aqui deixar registo documentado do processo de criação e do embate entre a cena e a palavra escrita, conduzido por um autor que se transforma em encenador e por um actor que esteve sempre presente e animando a própria escrita. Portanto, trata-se aqui de um texto que, não obstante, a assinatura de Luís Mestre, partilha várias responsabilidades autorais. E repete-se, assim, o que acontece na quase esmagadora maioria das montagens de textos originais.



^

&lt; &gt;

*Do precipício tempestuoso de Ricardo III*, de Luís Mestre, Teatro Nova Europa, 2013 (^ António Durães e Luís Mestre; < > António Durães), fot. João Tuna/TNSJ.

A versão "final", já titulada "Do precipício tempestuoso de Ricardo III" (pp. 83-114) é a utilizada para a apresentação no TeCA – Teatro Carlos Alberto (Porto), de 21 a 24 de Fevereiro de 2013, resultante do trabalho realizado por Durães e Mestre na fixação final - e apropriação cénica - do texto. Autor e actor encetaram uma viagem que, ao final de dois anos de íntimo trabalho colaborativo, foi tendo estações intermédias e que, graças à invenção de ambos, foi ganhando a sua versão de palco. Mas, sobre esta íntima dependência, escreve o próprio autor no posfácio que acompanha esta edição ("De um paralisado para os que dançam").

Aqui, no Teatro Europa, a palavra dos (nossos) autores tem lugar em corpos inteiros. É comida, deglutida, dobrada em corpos perfeitos. Dobra-se a língua em corpos não amputados, em corpos canibais, suicidas, que se desgastam de uma forma própria, única, singular, um desgaste que vem de dentro: o do actor. Ah e como é bom vê-lo a dizer, falar, mexer-se, dançar, reescrever. Mostrar o seu saber. Alimentar-se. Executar-se! Ver a verdadeira leitura: a do corpo do actor. Porque é nele que tudo acontece e pronto. O único lugar. Apenas nele. (p. 116)

*Do precipício tempestuoso de Ricardo III*, para além de um texto que atesta a vitalidade da literatura dramática portuguesa neste tumultuoso princípio de século e, em particular, da dramaturgia de Luís Mestre, é um interessante caso que mereceria uma exploração ao abrigo da genética teatral e que pode servir a férteis discussões sobre a especificidade do texto dramático – essa coisa tantas vezes declarada extinta.

#### Referência bibliográfica

SILVA, Alexandra Moreira da (2012), "480 minutos / dividindo por 211 / dá vírgula 27' ou A exacta responsabilidade de escrever teatro", in Luís Mestre, *Teatro*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, pp. 7-12.